

Psicanálise na arte, a Arte na psicanálise: Parte 9

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

No ensaio anterior procurei deixar claro que são exatamente os objetos da realidade e a representação que fazemos deles que vão oferecer ao sujeito uma referência para que ele possa falar sobre desejo. Ou seja, para que o sujeito possa referir-se em geral *aos desejos* num sentido mais leigo e comum. Não tendo importância se fazemos um juízo enganoso ou ilusório deles. “*É o real e seus objetos como conseguimos conceber, ou ainda, são os objetos como conseguimos realiza-los*”.¹

Podemos dizer que a arte como objeto de desejo inserido na realidade não existe somente como expressão de um desejo individual, mas também como um desejo de âmbito coletivo, desejo da própria civilização. Como manifestação da cultura ela o exprime ao mesmo tempo que é expressão desse desejo humano. Vem daí, como vimos, seu interesse para a psicanálise: a arte como objeto da pulsão.

Indagamos anteriormente o que a Arte *latu sensu* procura no fundo exprimir? Foi possível ver que o que ela exprime é o desejo humano, sendo também e ao mesmo tempo produto desse desejo. A arte, desse modo, pelo viés da psicanálise, é uma das formas de expressar o desejo humano, ao mesmo tempo que um dos resultados da expressão dele.

A arte, como já visto, sendo uma formação psíquica superior, irá ocupar um lugar especial entre **as compensações para a satisfação insuficientes** não só das necessidades, mas sobretudo dos desejos. Situa-se como a modelo privilegiada, a grande vedete entre as ditas **satisfações substitutivas** remanescente de nosso animismo².

¹ Vide o Ensaio Oito dessa série.

² Lembro aqui esse “efeito mágico” da arte por tratar-se uma das mais autênticas e bem-sucedidas estruturas remanescentes do animismo primitivo da humanidade. Disse que “Graças à beatificante ilusão artística”, vivenciamos os mesmos efeitos afetivos como se fosse da ordem da realidade. A arte como um reinvestimento desse animismo.

Como assim? Tomados pela fruição artística³, seja pelo desejo do fazer artístico, seja pelo desejo que a arte feita nos desperta, somos capazes de experimentá-la como sinônimo do real. Vivemos um **Animismo realista** – termo que me utilizo inspirado pela proposta literária de *Realismo Animista* do poeta nigeriano e professor de Literatura Africana e Ciências Humanas *Harry Garuba*⁴ – da qual a arte faz parte e mesmo se situa como prolongamento até os dias atuais.

Dentro dessas duas dimensões cruciais para a civilização que aponte, *desejo e realidade*, e, que estão em perene diálogo ou em conflito, podemos dizer que a arte pode ter lugar em ambos os territórios. Se ela, arte, ao ser *expressada ou expressar-se*, não ficar inteiramente submetida à sua onipotência animista, poderá encontrar na realidade um lugar nesse *exprimir-se ou ser expressa*. Pois se no cenário do *fazer artístico ou do artístico que se faz* não se perde a percepção dos limites que a realidade nos impõe, haverá lugar para o diálogo entre a dimensão do desejo e a sua consequente inclusão na estrutura dessa realidade. Caso contrário, assistiremos a trajetória dos caminhos que se afastam e a instalação do conflito como já foi abordado.

Como disse, do mesmo modo que o desejo pode ser apenas ilusão, pode também ser realização. Assim se comporta **a arte como objeto e causa do desejo**: do mesmo modo que pode ser apenas ilusão pode ser também realização, essa última, expressa como manifestação cultural num sentido amplo da civilização ou, como usualmente, materializada numa obra artística ou gerando objetivamente os mais variados resultados. Estão aí os antiquários, galerias de arte, museus e os mais variados espaços da dita indústria do entretenimento, ou mais especificamente da indústria cultural, gerando lucros reais consideráveis.

Procuramos deixar bem claro ao longo desses textos que **o critério último da realidade será sempre o corpo físico**, pois é

³ Fruição que pode levar a verdadeiros êxtases existenciais. Quem de nós ao escutar um grupo de músicos talentosos de uma banda de Rock ou de Jazz, por exemplo, não exclamamos: esses caras são demais, não existem! E na verdade existem, mas não da maneira que são percebidos naquele momento de fruição, como algo que parece num “além do real”.

⁴ Fazendo frente aos conceitos europeus de **realismo fantástico, realismo mágico ou realismo maravilhoso**, para entendermos uma “concepção de mundo”, de morte, de vida e de tempo, mais africana, diferente da trazida pelo colonizador entre os séculos XV e XIX.

ele que irá demarcar os limites e as possibilidades da vida perante a morte que sabemos certa.

Não é incomum perpassando toda a história da arte, da Grécia mítica, passando pela antiguidade clássica aos dias atuais, a morte de inúmeros artistas que no tormentoso arroubo de seu mister e sensibilidade dão fim às suas existências. Do mito de *Aracne*⁵ a *Virgínia Woolf* (1882 – 1941); de *Maiakóvoski* (1830 – 1930) a *Pedro Nava* (1903-1984); de *Florbela Espanca* (1894 – 1930) a *Sylvia Plath* (1932 –1963). Florbela⁶, a poetisa que atenta contra a vida por três vezes, dando fim fatidicamente a ela com apenas 36 anos, no dia de seu próprio aniversário. Sylvia Plath que põe termo à própria vida dirá: “*morrer é uma arte, como tudo o mais. Que eu pratico surpreendentemente bem*”.

Podemos lembrar aqui ainda o emblemático e trágico tiro de revólver que irá calar o corpo de *Van Gogh* (1853 –1890), que teria sido disparado em meio aos famosos campos de trigo onde costumava pintar. Disparo que irá nos roubar esse gênio com apenas trinta e sete anos de vida.

⁵ “Num concurso entre esta e Atena, para se averiguar qual a melhor na **arte** da tecelagem, a deusa destrói o trabalho da rapariga que se enforca. Todavia, a deusa, não a querendo ver morta, transforma-a em aranha”. (Guimarães, Joana. *Suicídio Mítico: uma luz sobre a antiguidade clássica*. Monografia. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos; Imprensa da Universidade de Coimbra. Pombalina Coimbra University Press. 2011. Pg. 19. Portugal).

⁶ Seu belo poema “**EU**” é uma verdadeira Ode à morte:

*Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...
Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...*

*Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber por quê...*

*Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!*

Relembro, portanto, mais uma vez Maria Rita Kehl: “o critério último da realidade ainda é o que situa as possibilidades da vida diante das certezas da morte”⁷.

Uma realidade que respira, que transpira, que pulsa, que circula nas veias, que se deita e se levanta. Realidade que dorme, sonha e acorda. Que se cansa, mas também descansa. Uma realidade com seus ciclos de alimentação e excreção. Uma realidade que tem sede e que se sacia. Que bebe do quente e do frio, do melhor e do pior, como a “*aguardente tão difícil de tragar*” cantada pelo nosso Chico Buarque. Uma realidade que ri, brinca, briga e chora. Que fere, se fere e é ferida. Que cuida, se cuida e é cuidada. Realidade que adocece, mas também se cura. Realidade que se movimenta, corre e dança pelos incontáveis salões dessa vida. Realidade de movimentos curtos ou amplos. Amplitude que pode mesmo nos levar a alçar voo pelas asas de uma arte que mesmo pairando nos ares tem os pés bem fincados na terra.

Parafraseando a autora: ***para além da onipotência da arte, existe a arte e sua potência, cujos limites nunca conhecemos o suficiente.***

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).

⁷ Kehl, Maria Rita. *O Desejo da Realidade. O Desejo*. Org. Adauto Novaes. Companhia Das Letras. RJ, 1990. Pg.365.